



a Caravana

N.º avulso € 0,90
Assinatura anual € 9,00

Trimestral - Director: P. Frei Francisco Sales Diniz, O.F.M.

3ª Série - Ano XIX - nº 86, julho / setembro 2017

D. MANUEL MARTINS: UMA VIDA DEDICADA AOS MAIS EXCLUÍDOS

24 de setembro de 2017: o Senhor decidiu chamar à vida na plenitude do seu amor, o Bispo cuja voz nunca se calou na defesa dos mais excluídos, dos mais necessitados, daqueles que, sem voz e sem poder, encontraram no Sr. D. Manuel uma voz poderosa, um apoio fiel, um defensor dedicado da justiça e do amor sem fronteiras. A melhor homenagem que pensamos poder exprimir ao Sr. D. Manuel Martins é a reprodução de parte de um artigo do P. Filipe de Figueiredo que o Sr. D. Manuel agora encontrou na alegria plena de Deus, publicado na Caravana nºs 4 e 5 de março-abril de 1999:

Render da Guarda

Este ano foi o render da Guarda na Assembleia Episcopal Portuguesa. Novo Presidente, novo Secretário, novo Conselho Permanente, novas Comissões. Também a Comissão dos Migrantes e Itinerantes, para usar a nomenclatura Pontifícia, mudou de mãos.

Durante vários anos esteve nas mãos hábeis, sábias, genero-



sas, firmes, dedicadas e delicadas do Senhor D. Manuel Martins, primeiro Bispo de Setúbal. Foi ele que nos convidou, animou e convenceu a regressar à Direção Nacional da Promoção e Pastoral dos Ciganos. (...)

Se vemos partir, com saudade, o Senhor D. Manuel Martins, certos que não nos deixa, mas nos continuará a ajudar com a sua amizade e simpatia, nós o acompanharemos com a nossa gratidão; é com muita alegria que ve-

mos chegar o senhor D. Januário e que pode contar sempre com a nossa lealdade, dedicação, amizade e apreço. Bemvindo seja! Os Ciganos estão de coração aberto para o receber e nós com eles.

Pe. Filipe de Figueiredo

Depois desta “despedida”, o Sr. D. Manuel Martins sempre acompanhou com palavras amigas de encorajamento, as iniciativas da ONPC, sempre pronto para apoiar, seguindo com atenção o que se fazia, sugerindo orientações, revelando um coração a transbordar de Deus para quem estava entre os mais esquecidos dos homens.

Editorial

A EVANGELIZAÇÃO COMO DOM E MISSÃO

Numa notícia neste número da Caravana, amavelmente enviada pela Irmã Sylvie, do Mosteiro das Monjas de Belém no Couço, Ribatejo (monjas que se têm preocupado em interagir com a comunidade cigana local), refere-se a ação do Pároco de Vera, Almeria, Espanha. Da dedicação do P. Carlos Maria à evangelização da comunidade cigana local, nasceu uma paróquia “cigana” inspiradamente chamada Stª Maria dos Povos. É claro, e isso faz toda a diferença, que o Pároco começou por incluir representantes ciganos no conselho pastoral da paróquia (Vera). Depois vieram Missas em flamenco e a distância entre o local onde viviam as populações ciganas e a Paróquia de Vera levou à criação da nova paróquia. É conhecida a difusão das Igrejas Evangélicas, designadamente a Igreja Evangélica Filadélfia Cigana de Portugal, na qual os pastores são ciganos. São igualmente de lembrar as celebrações de liturgias pelos defuntos ciganos que o P. João Paulo Domingues teve a iniciativa de realizar, há anos, na paróquia que então dirigia em Cuba, Diocese de Beja e que tanta participação tiveram, inclusive de

peçoas que vinham de outros locais (tal como aconteceu em Vera). E sobretudo, há que referir os párocos que se interessam por interagir com as suas ovelhas que são de etnia cigana (como agora o fazem as Monjas de Belém no Couço) e procuram saber mais sobre a cultura cigana e como agir com esta pastoral específica.

A solução é essa: primeiro, sentir que uma parte da população da sua paróquia é cigana. Segundo, reconhecer a diversidade das culturas: não costumamos dizer “todos diferentes e todos iguais”? Terceiro, como têm feito alguns párocos, incluindo o de Vera, pensar: “como é que hei de interagir com esta população para que ela se sinta acolhida na paróquia, com as suas diferenças culturais?” Quarto, agir, tomar iniciativas, falar com as pessoas, chamá-las, procurar compreender as diferenças, os problemas, as idiosincrasias. Uma Missa flamenca por mês? Algum/ns/alguma/s representante/s cigano/a/s no conselho paroquial? Celebrações litúrgicas para os defuntos ciganos?

A conclusão é que a evangelização é um dom para integrar, incluir, abraçar, é uma missão - e uma obrigação: “ai de mim se não evangelizar” (1 Cor 9, 16).

Francisco Monteiro

UNIÃO EUROPEIA LANÇA PROJETO DE ACOMPANHAMENTO DA IMPLEMENTAÇÃO DA INCLUSÃO DOS CIGANOS, PELA SOCIEDADE CIVIL

A Comissão Europeia (CE) lançou o projeto piloto *Roma Civil Monitor* (RCM) (Monitorização sistemática – i. é acompanhamento da implementação – pela sociedade civil) – *Capacitação da sociedade civil Cigana e fortalecimento do seu envolvimento na monitorização das estratégias nacionais de integração dos Ciganos* (ENICs), projeto que teve início no Parlamento Europeu. O RCM é gerido pela CE – Direção Geral para a Justiça e os Consumidores – Diretoria D – Igualdade e Cidadania na União e é coordenado pela Central European University (CEU) de Budapeste. O RCM estende-se de março de 2017 a dezembro de 2018 e foi organizado por regiões geográficas segundo a dimensão das populações ciganas e/ou segundo os desafios mais prementes:

Região 1: Bulgária, República Checa, Hungria, Roménia e Eslováquia

Região 2: França, Alemanha, Grécia, Itália, Espanha e Reino Unido

Região 3: Áustria, Bélgica, Croácia, Irlanda, Holanda, Polónia, Portugal e Suécia

Região 4: Chipre, Dinamarca, Estónia, Finlândia, Letónia, Lituânia, Luxemburgo e Eslovénia.

A Fundación Secretariado Gitano (FSG) é um dos parceiros do projeto juntamente com a ERGO (Rede

de Organizações de base de Ciganos Europeus), o ERRC (European Roma Rights Centre) e o REF (Roma Education Fund). Na Região 3 a FSG coordena a sub-região Sudoeste que engloba a França, a Itália, Portugal e Espanha. Em Portugal, foram selecionadas para integrar o projeto a EAPN Portugal (Rede Europeia Anti Pobreza) com sede no Porto, que coordena o grupo, a Associação Letras Nómadas (cigana) e a ONPC. A primeira reunião deste grupo realizou-se em Madrid, na sede da FSG de 26 a 27 de setembro com os representantes dos quatro países do grupo e representantes das instituições organizadoras do RCM. Da ONPC participou Francisco Monteiro.

O valor adicional da monitorização pela sociedade civil provém do estatuto

independente e da experiência de campo das ONGs participantes. Os objetivos são: desenvolver as capacidades de monitorização dos atores da sociedade civil e apoiar a preparação pela sociedade civil de relatórios anuais de alta qualidade e abrangentes. A monitorização irá abranger nove áreas temáticas e temas horizontais: governação, educação, emprego, saúde, habitação, anti discriminação, como encarar o anti ciganismo, participação dos Ciganos e igualdade de género.



ASSINATURAS DE 2017

Assinatura anual: € 9,00

Assinatura de apoio: a sua generosidade

Nome _____ Nº _____ *

Morada _____

Código postal _____

Junto envio a importância de € _____ em

- cheque ou vale de correio à ordem de **Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos**
É favor não passar o cheque à Ordem da Caravana, mas sim da **OBRA NACIONAL DA PASTORAL DOS CIGANOS**, caso contrário teremos que lhe devolver o cheque. Obrigado.
- transferência bancária (NIB: 0036 0000 9910 5888 3823 8; IBAN: PT 50.0036.0000.99105888382.38)
- envie-nos por favor um mail (pastoralciganos@ecclesia.pt) ou uma carta a avisar-nos da sua transferência, caso contrário podemos ter dificuldade em identificá-la. Obrigado.

Data _____ / _____ / 2017

Ass. _____

* É o seu nº de assinante (ver na etiqueta)

PORTUGAL CATÓLICO. A BELEZA NA DIVERSIDADE: UM CAPÍTULO SOBRE A COMUNIDADE CIGANA

Do capítulo sobre a “comunidade cigana”, da autoria da Professora Doutora Manuela Mendonça, Presidente do Secretariado Diocesano de Lisboa da Pastoral dos Ciganos, no livro “Portugal Católico. A Beleza na Diversidade”, publicado pelo Círculo de Leitores e que foi oferecido ao Papa Francisco, publicamos os seguintes excertos:

CIGANOS EM PORTUGAL

... A presença do grupo cigano em Portugal tem mais de cinco séculos. O primeiro testemunho escrito que se lhe refere é anterior a 1516. Trata-se de uma poesia sarcástica, em que aparece ligado à magia (*Cancioneiro Geral*). Em 1521, Gil Vicente escreveu o *Auto das Ciganas*. ... Considerando o conhecimento manifesto nestes textos, acreditamos numa presença do grupo em Portugal desde a segunda metade do século XV.

Olhados inicialmente com curiosidade pelas populações, rapidamente se manifestou a desconfiança nesses recém-chegados, de vida e aparência estranhas. Eram nómadas que, sem meio de subsistência, se dedicavam a actividades menos convencionais. Considerados marginais, em breve se viram acusados de toda a espécie de males que assolavam o reino. E a sucessiva chegada de novos grupos intensificou o descontentamento dos portugueses.

Os ciganos passaram então a ser olhados como indesejados. Por isso as queixas não se fizeram esperar, registando-se as primeiras nas Cortes de 1525. Pedia-se ao rei que “...aja por bem que em tempo algum entrem ciganos em vossos reinos, porque deles não resulta outro proveito senão muitos furtos que fazem e muitas feitiçarias que fingem saber...”. Na sequência, D. João III determinou que “... não entrem ciganos em meus reinos...”. E, em 1526, o mesmo rei faria a primeira lei de expulsão, “... os ciganos não entrem no reino e saiam os que nele estiverem”.

Ao longo de 300 anos, seguiram-se novas leis e consequentes julgamentos. Deles resultaram as condenações às galés e ao exílio. Por esta via seguiram os ciganos portugueses para África e para o Brasil. E, no entanto, a sua presença em Portugal continuou a ser um facto, sendo certo que a perseguição fechou o grupo, cristalizando leis e hábitos.

Com a monarquia liberal, os ideais de *liberdade, igualdade e fraternidade* também se aplicaram aos ciganos. Por isso, em 1822 foi concedida a cidadania a todos os nascidos em Portugal; em 1852 a lei determinou que

ninguém poderia ser condenado apenas por ser cigano. Estas medidas beneficiaram, obviamente, o grupo perseguido. No entanto, não foram suficientes para que ele fosse plenamente reconhecido.

Também os ideais republicanos iriam favorecer este povo. Se, no entanto, em 1911 se lhe reconhecia “... a igualdade, do ponto de vista jurídico”, a lei determinava “... uma severa vigilância sobre os ciganos... cuja identidade é sempre duvidosa...” (Decreto 6950, de 26/6/1920, arts 182 a 185). Estes artigos viriam a ser revogados a 20/5/1980, pela Resolução 179/80 do Conselho da Revolução, por serem inconstitucionais. Mas os ciganos continuavam a ser olhados como censuráveis e colocados sob suspeita, o que se confirma em diversas *Posturas Municipais*. Apesar de consagrada a inviolabilidade de domicílio, a lei continuou a determinar uma “especial vigilância relativamente aos nómadas”. E, no entanto, a actual Constituição da República Portuguesa consagra o direito à “igualdade” (artigo 13).

A partir de 1960 verificou-se uma significativa alteração no quotidiano tradicional deste povo que, como tantos portugueses, em grande número deixou o mundo rural atraído pelo meio urbano. Estabelecidos em bairros de barracas, tal como muitas outras famílias que comungavam a mesma esperança de melhores condições de vida, muitos ciganos se foram progressivamente sedentarizando. Mas, vivendo nestas franjas sociais, continuam a ser um grupo estigmatizado, que mantém as tradicionais características materiais: dificuldades económicas, de inte-

gração social, habitação degradada, insucesso escolar ou ausência de escolaridade e impreparação profissional. O cigano continua a ser agente passivo de um processo que não foi acompanhado convenientemente, tanto a nível económico como social, cultural e até religioso.

Por outro lado, a sedentarização, que potenciou durante anos a venda ambulante, não evita a sua extinção. Todavia, essa actividade mantém-se, na comunidade cigana, como “modelo” ainda pensado como profissão ideal para o adulto. Tal determina que o jovem, quase sempre desinteressado da escola a partir da adolescência, não se prepare profissionalmente para outra ocupação. Actualmente, a grande maioria não ultrapassa o 6.º ano de escolaridade.

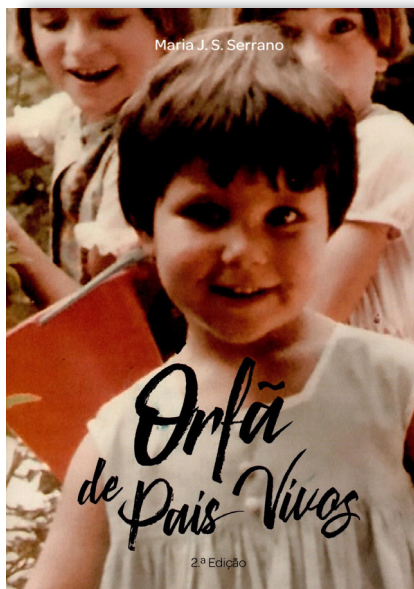
De entre as marcas tradicionais da cultura cigana deve evidenciar-se a sua profunda religiosidade. Um importante elemento, desde cedo transmitido às

(Continua na pág. 4)



“ÓRFÃ DE PAIS VIVOS” DE MARIA DE JESUS SERRANO PUBLICA 2ª EDIÇÃO

Maria de Jesus Serrano (MS), filha de pai cigano, contou a história da sua vida, ou do triunfo da sua vida contra ventos e marés, num livro de leitura apaixonante “Órfã de Pais Vivos” cuja 2ª edição saiu recentemente. Entre os testemunhos que prefaciam o livro está o da Dr^a Fernanda Reis (FR), até há pouco Presidente do Secretariado Diocesano de Lisboa da Pastoral dos Ciganos. FR menciona que foi a Irmã Zulmira Cunha, que foi Diretora e posteriormente Diretora-Adjunta da ONPC, quem conduziu MS e a sua irmã à Obra N^a S^a da Purificação em Fátima, onde foram acolhidas e iniciaram o seu percurso educativo. O livro, põe a nu os reflexos do drama de uma cultura, a cigana, que preza a transmissão dos seus valores, por vezes de forma intransigente e excludora, no evoluir de uma criança cuja vida afetiva é fortemente condicionada pela pertença familiar ou pela falta dela. O amor ou a falta dele no relacionamento materno, paterno, filial e fraterno, a terminar no amor mulher-homem e homem-mulher no quadro de uma vocação religiosa, são a espinha dorsal deste livro que não é ficção, mas sim realidade vivida com sofrimento, coragem, esperança e realização. Para-



béns à sua Autora pelo que viveu, triunfou e transmitiu.

A permear toda esta extraordinária história pessoal e que envolve diversas comunidades, pequenas e grandes, está a caridade como o Papa Bento XVI a definiu na sua primeira Encíclica *Deus caritas est*, quando cita Sto. Agostinho: “Se vês a caridade, vês a Trindade” (n.19). A história de MS toca o amor pelo próximo de diversos intervenientes que a Autora cita, sempre reconhecida e comovidamente. É neste preocupar-se pelos outros em geral ou, mais admiravelmente, por esta pessoa e por aquela e mais por esta, em particular, que se revela a presença de Deus no mundo dos homens e das mulheres que convivem connosco e que o amor de Deus faz próximas, ou que o seu desconhecimento leva a que as ignoremos. E se são próximas entram nas nossas vidas que se modificam para acolher, para abraçar, para apoiar, de tal maneira que quem é assim amado passa a considerar tais pessoas como da sua verdadeira família, porque o são de facto. Obrigado, Senhor, por nos teres ensinado o amor. Obrigado, Maria a quem Bento XVI confiou a Igreja na “sua missão ao serviço do amor” (n.42).

PORTUGAL CATÓLICO

(Continuação da pág. 3)

crianças, é o temor de Deus. Os ciganos portugueses mantêm, relativamente ao sobrenatural, a marca tradicional: Deus é pensado como um Cigano na máxima perfeição, poderoso e triunfante, protector da Família, generoso como um Pai; Deus humano e próximo, que ama e oferece a natureza. Alguém a quem se recorre, Alguém com quem se dialoga.

Associado a essa religiosidade, o culto e respeito pelos mortos é igualmente apreendido pelas crianças. Aos mortos, oferece-se o pranto; rende-se homenagem; colocam-se problemas; constroem-se monumentos funerários e permanece-se longas horas com eles no cemitério.

E como responde a comunidade católica aos problemas destes portugueses? Localmente, sobretudo fora dos grandes centros urbanos, algumas crianças e adolescentes frequentam as catequeses paroquiais e alguns jovens integram grupos juvenis. Todavia, tal constitui excepção. Para esta realidade muito contribuiu a adesão quase total da população cigana à Igreja Evangélica “Cigana”, que considera “sua” e que surgiu em Portugal nos anos setenta. Com Pastores ciganos, este modo de

se relacionar com o “divino” responde às respectivas sensibilidades. Se, na comunidade católica, o cigano se dilui no meio do grande grupo e é chamado a uma forma de expressão que não compreende, na “sua” Igreja ele manifesta-se tal como é, sem receio de sair dos cânones que o obrigam a um comportamento estático. Nesta forma de adesão ao espiritual se inserem quase todas as famílias e, com elas, crianças e jovens.

Este quadro define a maior parte da população cigana portuguesa. No entanto, importa salientar a existência de duas minorias dentro desta comunidade, embora nas antípodas uma da outra:

– A dos (poucos) elementos que fizeram um percurso escolar normal, tendo obtido certificação profissional ou mesmo licenciaturas.

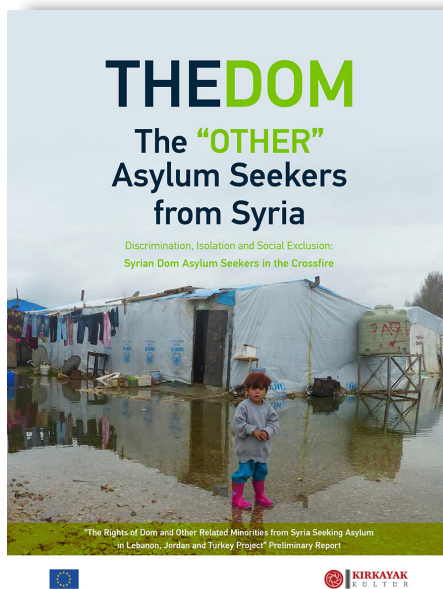
– Os grupos nómadas, que caminham sem um mínimo de condições. Deslocam-se em carroças puxadas por cavalos ou mulas, dormem em terrenos particulares ou públicos, mas as determinações concelhias ainda em vigor não lhes permitem manter-se nos municípios para lá de determinado número de horas/dias.

Esta é a realidade trágica de famílias a quem permanentemente se nega, ainda que por omissão, o direito à habitação, à escola, à dignidade...

OS CIGANOS DA SÍRIA (DOM)

Conforme noticiámos nas Caravanas nºs 78 e 79 de 2015 e 83 de dez de 2016, os refugiados ciganos da Síria e da Turquia, chamados Dom, sofrem discriminação, isolamento e exclusão social, segundo um recente relatório do Kirkayak Kültür – Dom Research Workshop dirigido por Kemal Vural Tarlan

Os refugiados Dom procuraram asilo no Líbano, Jordânia e Turquia. Atualmente os Dom que vieram da Índia, vivem em países tais como Egito, Irão, Iraque, Síria, Líbano, Jordânia, Israel, Palestina, Turquia, Arábia Saudita, Kuwait e EAU (Emiratos Árabes Unidos). Tradicionalmente artesãos e músicos e também curandeiros ou tratadores de animais, dedicam-se atualmente à recolha e tratamento do lixo e a trabalhos sazonais e vivem em comunidades peripatéticas, nómadas e seminómadas. As guerras no Médio oriente forçaram os Dom a imigrar para outros países. A violência que os Dom sofreram nos países onde viviam



e para onde imigraram, designadamente nos Balcãs, incluindo massacres, forçou os Dom a refugiarem-se também noutros países europeus.

Mais de três milhões de pessoas tiveram que imigrar da Síria. Entre estes, 50.000 Dom refugiaram-se na Turquia, em condições difíceis: sofrem discriminação por parte das autoridades e dos residentes nos campos onde foram confinados, por vezes separados das suas famílias; por isso não querem viver nos campos e preferem viver juntos em acampamentos criados por eles. Frequentemente as autoridades queimam estas tendas o que leva o Dom a refugiarem-se nas grandes cidades. A muitos é negado o registo e o fornecimento de documento de identidade. No Líbano, os Dom encontram outros Dom que já vivem no país.

OPRÉ CHAVALÉ (13 fev - 2016)

Oito mulheres das comunidades ciganas recebem bolsas para continuar os seus estudos no ensino superior. O Programa Escolhas assinou um protocolo com a Associação Letras Nómadas para apoiar os esforços de um grupo piloto de jovens do Projeto Opré Chavalé que, quebrando estereótipos e ultrapassando desafios sociais, entraram no ensino superior este ano letivo.

O Opré Chavalé* é um projeto promovido pela Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres, em parceria com a Associação Letras Nómadas, cofinanciado pelo Programa Cidadania Ativa – EEA Grants, gerido pela Fundação Calouste Gulbenkian.

O projeto é altamente inovador, com base em práticas de ação positiva implementadas em outros países, nomeadamente nos países do leste Europeu,

que têm uma vasta experiência nesta área. O objetivo geral do projeto é quebrar as barreiras que separam as comunidades ciganas do sistema de educação formal, nomeadamente no que diz respeito ao acesso ao ensino superior, cursos académicos e técnicos. As entidades responsáveis pelo projeto possuem uma vasta experiência no trabalho junto das comunidades ciganas..

Portugal não está envolvido em programas como o Roma Educational Fund e outras medidas da Fundação Open Society, que apoiam, por toda a Europa, a educação dos jovens ciganos com bolsas e programas especiais de apoio ao estudo ao nível do ensino secundário e superior.

* “Erguei-vos, jovens ciganos” em Romani

A MÚSICA NA FÉ E NAS PEREGRINAÇÕES

O nº de junho do *Nevi Yag* (fogo novo em Romani), revista do CCIT (Comité Católico Internacional para os Ciganos), é dedicado ao Encontro anual do CCIT que este ano se realizou de 21 a 23 de abril, em Madrid-Guadarrama, e teve como tema “A música na vida entre festa e elo social”. Dum interessante artigo de dois músicos ciganos *manouches franceses**, *Retcha* e *Marianne* extraímos as seguintes passagens:

“O lugar da música na nossa vida... Eis uma questão bizarra, porque, de facto, não podemos imaginar um dia da nossa vida, de um ou da outra, nem na dos nossos filhos, sem ouvir música, sem cantar, sem assobiar: isso faz parte da nossa vida como respirar ou comer...”

“Nem tudo é necessariamente fácil, sobretudo na paróquia onde estamos no inverno; por vezes pedem-nos: ‘trazei as vossas guitarras!’; mas quando chegamos, o programa já está todo preparado, com cânticos que nós não conhecemos necessariamente, e mesmo as nossas filhas (que também tocam e cantam) são por vezes afastadas e por isso, nós oferecemos cada vez menos os nossos ‘serviços’.

A questão que se põe é esta: quando nós integramos as paróquias dos gadgé (não ciganos na linguagem dos

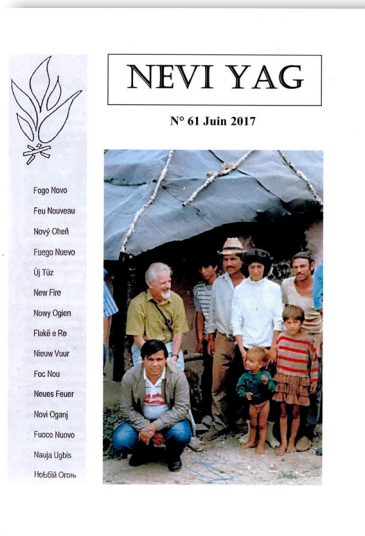
ciganos), precisamos por isso de nos deixar assimilar e de não mostrar as nossas diferenças? Os gadgé têm, por vezes, cânticos bem ternos; porém, mesmo se o que nós

trazemos não é perfeito, isso daria talvez um pouco de sangue novo a estas celebrações. Então, a nossa esperança, nós que agora vamos envelhecendo, é que uma inovação ocorra entre os jovens, que pequenos guitarristas, pequenos cantores se levantem e tenham a coragem de cantar a sua fé e de anunciar Jesus com talento (com os talentos que o Senhor lhes deu) e, por isso, com coragem e muita humildade.

E que os gadgé lhes reservem um lugar na igreja, não somente de “faz de conta”, mas um lugar escolhido, porque em todos os tempos, vê-se na Bíblia, os cânticos, os salmos não ajudaram os homens a viver, a amar-se?

E, de todas as formas, para nós essa foi, é e será sempre uma forma de rezar, a alegria de exprimir a nossa fé e de passar pelas provações, de viver as nossas alegrias simplesmente oferecendo ao Senhor a nossa vida em música...

* *Manouches* é a designação de um grupo étnico de ciganos provenientes do Leste da Europa, que vive em França.



CIGANOS SÃO NOTÍCIA

CIGANOS SÃO NOTÍCIA

RTP 1 (24 out)

Programa *Agora Nós*

Focou o Programa OPRE (ver artigo neste nº da Caravana), através da entrevista a duas jovens ciganas que frequentam o ensino superior beneficiando de bolsas de estudo que envolvem 30 ciganos beneficiários.

PASTORAL

Defesa de Espinho
(28 set)

“Família e transformação social”

Realizou-se de 19 a 21 de setembro, em Fátima, o XXXI Encontro da Pastoral Social, subordinado ao tema “Família e transformação social”.

A diocese do Porto esteve representada pela Obra Vicentina de Auxílio aos Ciganos (OVAC), através dos espinhenses Maria do Carmo Rocha, Belmiro Rocha e Luís Barroso.

Dos diversos debates, concluiu-se que a conjugação de esforços de todos os movimentos da Igreja continua a ser útil para uma melhoria dos resultados da ação da Pastoral Social da Igreja.

Alfa y Omega (22 set)

Da Irmã Sylvie, do Mosteiro de N^a S^a do Rosário do Vale

(Continua na pág. 7)



CIGANOS SÃO NOTÍCIA

(Continuação da pág. 6)

Côvo, Couço (Ribatejo - Coruche, Arquidiocese de Évora), das Monjas de Belém (da Assunção da Virgem e de S. Bruno) que vivem perto de uma comunidade cigana com quem se relacionam “muito bem”, recebemos este artigo revelador de como os ciganos, uma vez evangelizados, se podem tornar evangelizadores graças à ação de um pároco. Publicamos excertos do artigo.*

O Cristo que cativou os ciganos de Vera

*Em menos de dois anos, no bairro cigano de Vera (Almeria**) há duas paróquias novas e uma irmandade, graças ao entusiasmo dos seus habitantes e ao encorajamento do pároco, Carlos Maria Fortes (CF), dedicado à pastoral cigana.*

“Há precisamente um ano que os ciganos de Vera puderam ver o seu desejo cumprido: ter uma paró-

quia no bairro e formar uma irmandade centrada na imagem do Cristo Preso e na Virgem da Pureza.” Na segunda aldeia da Andaluzia com mais população cigana, muitos participavam com fervor na Eucaristia dominical e na Semana Santa, mas ambicionavam participar de maneira mais ativa. O pároco jovem que chegou há quatro anos à Paróquia da N^a S^a da Encarnação de Vera dedicou-se à população cigana “porque não havia uma pastoral concreta com eles e são pessoas dedicadas que precisam que alguém lhes dê a mão”, na sua expressão. CF considera “uma sorte” que o atual irmão responsável da confraria tivesse vindo ter com ele a pedir-lhe “que trabalhássemos com eles que eram um povo religioso”. A primeira coisa que CF fez foi inclui-los no conselho pastoral da paróquia. “O povo cigano precisava de ser reconhecido pela sua Igreja, e assim o fizemos. Logo viram que tinham as portas abertas e

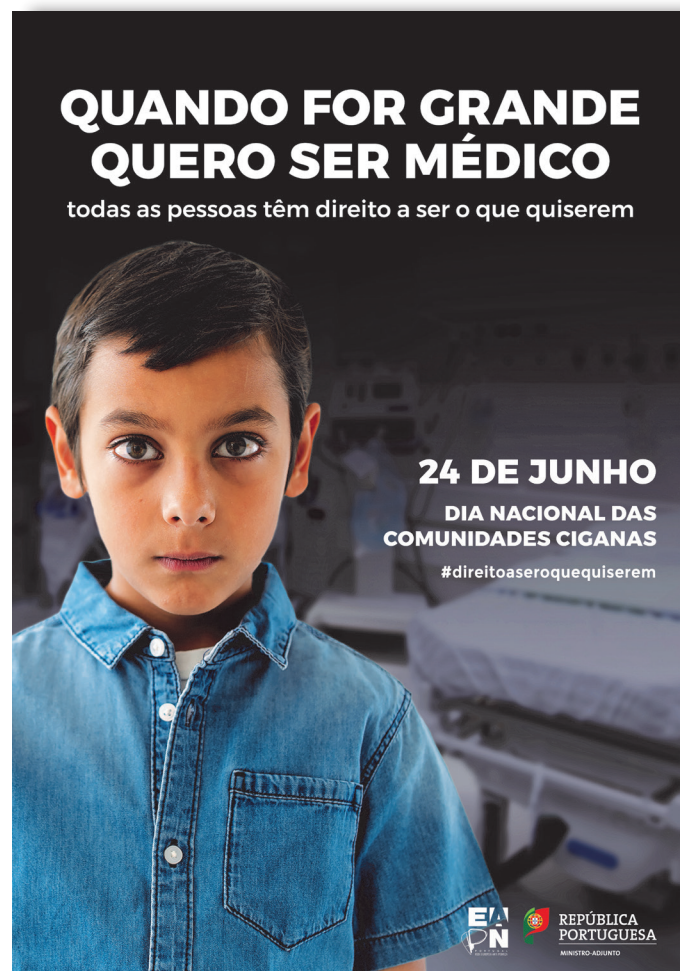
(Continua na pág. 8)



**QUANDO FOR GRANDE
QUERO SER ATRIZ**
todas as pessoas têm direito a ser o que quiserem

24 DE JUNHO
DIA NACIONAL DAS
COMUNIDADES CIGANAS
#direitoaseroquequiserem

EAPN REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTRO-ADJUNTO



**QUANDO FOR GRANDE
QUERO SER MÉDICO**
todas as pessoas têm direito a ser o que quiserem

24 DE JUNHO
DIA NACIONAL DAS
COMUNIDADES CIGANAS
#direitoaseroquequiserem

EAPN REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTRO-ADJUNTO

Campanha da EAPN em parceria com a Secretaria de Estado para a Cidadania e a Igualdade, em 24 de junho (Dia Nacional do Cigano) de 2017, contra a discriminação das comunidades ciganas: #direitoaseroquequiserem

CIGANOS SÃO NOTÍCIA

(Continuação da pág. 7)

começaram a organizar Missas em flamenco”. Isto fez que cada vez mais ciganos viessem à paróquia, “mas estávamos muito longe de onde eles vivem”. CF começou à procura e descobriu um edifício que pertencia à Diocese. Este edifício passou a ser a sede da paróquia de Stª Maria dos Povos. “Assim a quis consagrar D. Adolfo Gonzáles Montes, bispo de Almeria, pela peregrinação nómada dos ciganos ao longo da história.

O bispo, diz CF, ‘esteve empenhadíssimo. Tanto que parte da ornamentação da nova igreja ofereceu-a ele’. O carinho recíproco é evidente: ‘Numa das últimas visitas do bispo deram-lhe - e outro a mim - um cartão de membros da comunidade cigana que ambos guardamos com muito orgulho’. Os ciganos estão entusiasmados com a sua paróquia em cujo âmbito nasceu também a Irmandade de Santo Antão”.

“A igreja dos ciganos ilumina Vera e o concelho. De facto, muitos estão de novo a aproximar-se da paróquia ou a voltar à fé católica – alguns que tinham ido para a Igreja evangélica”. A igreja enche-se por completo. Um cigano afirma: “Estamos ansiosos por ir no sábado à Missa. É tão bonita e alegre (com o coro flamenco) que inclusivamente vizinhos de outros bairros se vão aproximando aos poucos e poucos”. CF disse nas Jornadas da Pastoral Cigana organizadas pela Conferência Episcopal Espanhola de 15 a 17 de setembro em Madrid que “o trabalho social que estamos a fazer é para que haja uma integração entre ciganos e paios, para que as divergências - que sempre existiram - sejam menos visíveis”. E dá o exemplo de uma feira organizada para recolher fundos para a Semana Santa em que vieram paios provar a comida caseira feita pelas ciganas. CF diz: “um conselheiro dizia-me que levam 20 anos a fazer protocolos de integração entre ambas as populações e a paróquia conseguiu-o em dois anos. São a Beata Emília e o Pelé que intercedem por nós”.

* www.mosteironsrosario.org

** NR: terra da Beata Emília.



COMUNICAÇÃO SOCIAL

Ecclesia – internet (27 set)

Media: Reportagem da Renascença sobre uma Comunidade Cigana distinguida com o Prémio Gazeta Multimédia

Uma reportagem da Rádio Renascença (RR), sobre o bairro cigano da Pedreira, em Beja, foi distinguida com o Prémio Gazeta Multimédia, numa iniciativa do Clube de Jornalistas.

O trabalho, intitulado ‘O cemitério dos vivos’, da autoria dos jornalistas Teresa Abecassis e João Carlos Malta, da RR, retrata “de forma bem enquadrada e com diversidade de recursos, a permanência das condições de vida

sub-humanas da comunidade local, apesar da demolição do muro que a separava do restante tecido urbano”.

“Viver lado a lado com ratos, cobras e sarjetas a céu aberto é uma realidade que se acha inimaginável para muitos, mas é ainda hoje o dia-a-dia dos 500 ciganos que vivem no Bairro das Pedreiras”, alerta a reportagem “O cemitério dos vivos”.

É a terceira vez que um trabalho da RR é distinguido com o Prémio Gazeta Multimédia.

FICHA TÉCNICA

a caravana

Director: P. Frei Francisco Sales Diniz, O.F.M.

Propriedade e Editor: Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos

QUINTA DO BOM PASTOR, EST. DA BURACA, 8/12, 1549-025 LISBOA

TEL. 21 885 5468 - FAX 21 584 9514

Contribuinte N.º 501660054

Email: pastoralciganos@ecclesia.pt Internet: www.ecclesia.pt/pnciganos

Periodicidade: Trimestral

Tiragem: 900 exs.

Paginação: Paulo Nunes - Tlm. 934207548

Impressão: OCPM

Isento de registo na ERC ao abrigo da alª a) do nº 1 do artº 12 do D.R. 8/99 de 9/6, com as alterações introduzidas pelo D.R. 2/09 de 27/01.